

A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO NO CONTEXTO DO CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO: UM PERCURSO INTERDISCIPLINAR

Aline Britto Rodrigues¹
Edcassio Nivaldo Avelino²

Resumo: Este trabalho objetiva compartilhar a experiência com a tematização da Corrida de Orientação, realizada no âmbito das turmas de 1º (primeiro) ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, ofertado pelo IFBA - *campus* Eunápolis, localizado na Região da Costa do Descobrimento, estado da Bahia, no ano letivo de 2018. Trata-se, portanto, de um relato de experiência que parte das opções teóricas e metodológicas dos docentes de Geografia e Educação Física, com ênfase neste último componente curricular. A perspectiva interdisciplinar que assumimos fundamentou-se nos estudos de Fazenda (1998; 2014) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (Brasil, 2012). As reflexões suscitadas com a experimentação da Corrida de Orientação reforçaram a importância do fomento de práticas interdisciplinares e da utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) nos processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Essas ações potencializaram o domínio dos conteúdos de cartografia e de um esporte não tradicional no âmbito da Educação Física por parte das/os estudantes. Ressalta-se que, essa proposta também contribuiu com o estreitamento das relações entre os sujeitos envolvidos, que propuseram a incorporação da atividade no calendário acadêmico institucional e a inserção de outros componentes curriculares na realização de experiências futuras, a exemplo de Língua Portuguesa e de Matemática.

Palavras-chave: Cartografia; Corrida de orientação; Interdisciplinaridade.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva compartilhar nossas experiências com a tematização da Corrida de Orientação no contexto do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Ele é um relato de experiência que parte das opções teóricas e metodológicas dos docentes de Geografia e Educação Física, com ênfase neste último componente curricular. Esta atividade foi desenvolvida com as turmas de 1º (primeiro) ano deste curso ofertado pelo IFBA - *campus* Eunápolis (figura 1), localizado na Região da Costa do Descobrimento, estado da Bahia, no ano letivo de 2018.

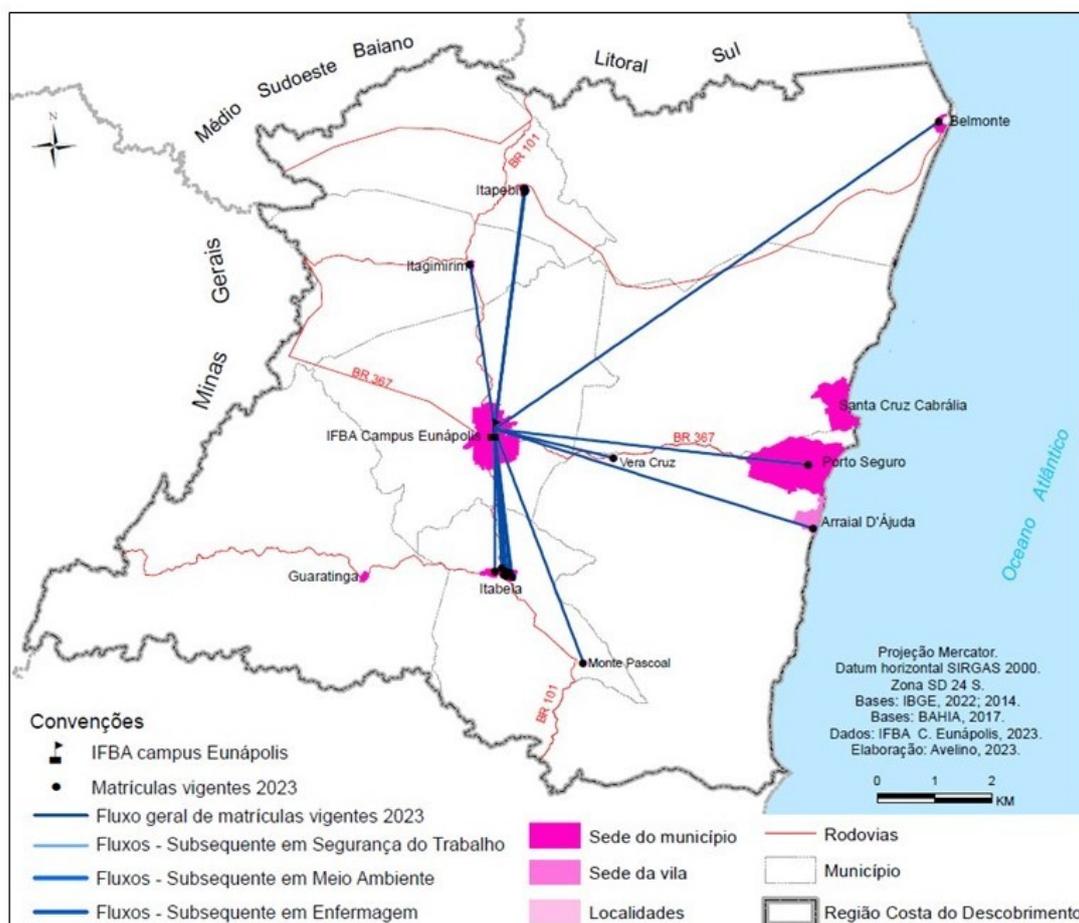


Figura 1: Localização do IFBA, *campus* Eunápolis.

Elaboração: Edcassio Nivaldo Avelino, 2023.

O planejamento dessa atividade de ensino sucedeu a uma conversa a respeito dos conteúdos programados pelos componentes curriculares da Geografia e da Educação Física que seriam desenvolvidos no decorrer da 3ª unidade didática do ano em questão: cartografia e atletismo, respectivamente. De antemão, essa articulação só foi possível por concordarmos

que a interdisciplinaridade oportuniza, de forma concreta, uma revisão dos modos de estabelecer relações com o conhecimento. Isso provoca a tessitura de ambientes com interações entre os saberes e as pessoas, o que amplia, efetivamente, o conceito de construção coletiva. O trabalho interdisciplinar “areja e revitaliza as relações interpessoais e de aprendizagem, alcançando também as instituições, pois equipes surgem quase naturalmente e, nessas novas equipes, outras formas de aprender e ensinar são descobertas” (Haas, 2011, p. 61).

Fazenda (2014, p. 10) nos aponta que a interdisciplinaridade pode corresponder a uma simples comunicação de ideias, como também “a integração mútua dos conceitos chaves da epistemologia, da terminologia, do procedimento, dos dados e da organização da pesquisa e do ensino relacionando-os”. Segundo a mesma autora, olhares atentos a essa abordagem podem resgatar “a magia das práticas, a essência de seus movimentos, mas, sobretudo, induz-nos a outras superações, ou mesmo reformulações”. Essa perspectiva nos desafia “a pensar com base na desordem ou em novas ordens que direcionam ordenações provisórias e novas (Fazenda, 1998, p. 13).

Dentre as normativas legais que regem a modalidade de ensino na qual atuamos e aqui referenciamos, citamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (Brasil, 2012). No texto do documento a interdisciplinaridade é citada em dois “princípios norteadores” (Capítulo II, Art. 6º). Em um dos itens como um aspecto a ser assegurado “no currículo e na prática pedagógica, visando à superação da fragmentação de conhecimentos e de segmentação da organização curricular”. Em outro princípio, ela é destacada como elemento a ser pensado “na utilização de estratégias educacionais favoráveis à compreensão de significados e à integração entre a teoria e a vivência da prática profissional, envolvendo as múltiplas dimensões do eixo tecnológico do curso e das ciências e tecnologias a ele vinculadas” (Brasil, 2012).

Nesse contexto, os currículos integrados revelam profícuas possibilidades de exploração das potencialidades multidimensionais que estão atreladas à educação. Almeja-se uma superação da visão utilitarista do ensino, ao passo que se promove o desenvolvimento de diversas capacidades, assim como o pensar, o sentir e o agir dos estudantes, o que revela o objetivo da educação integral (Machado, 2010). Soares *et al.* (2009, p. 30) complementam que, na escola, cada disciplina carrega “um sentido pedagógico à medida que seu objeto se articula aos diferentes objetos dos outros componentes do currículo”. Na escola, a Educação

Física é uma prática pedagógica que “tematiza formas de atividades expressivas corporais, como jogo, esporte, dança e ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal” (Soares *et al.*, 2009, p. 50).

No campo de conhecimento da geografia, a relação entre corpo e espaço constitui um elemento central na constituição dos lugares, bem como na configuração dos territórios, uma vez que “na posição ereta, o homem está pronto para agir. O espaço se abre diante dele e imediatamente pode diferenciá-lo... Vertical-horizontal, frente-atrás, direita-esquerda são coordenadas do corpo que são extrapoladas para o espaço”. Assim, no âmbito do currículo escolar, a Geografia faz uso de conceitos territoriais, paisagísticos e atribuídos aos lugares para despertar a capacidade de fazer leitura, interpretação, uso e apropriação, com base na relação corpo (homem) e espaço (mundo) (Tuan, 1983, p. 40).

Por concordarmos que “a escola necessária para fazer frente aos novos tempos é a que possibilita o contato dos alunos com a cultura, aquela cultura provida pela ciência, pela linguagem, pela estética, pela ética” (Libâneo, 2011, p. 51), com uma *práxis* interdisciplinar propomos a tematização da Corrida de Orientação. No tópico abaixo, sinalizamos alguns elementos teóricos e metodológicos que orientaram o processo de ensino e aprendizagem do assunto abordado e, na sequência, descrevemos a experiência realizada e os seus resultados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Em um primeiro momento, realizamos uma revisão de literatura no intuito de conhecermos os aspectos históricos da Corrida de Orientação. De acordo com a Federação Portuguesa de Orientação, essa prática surgiu, enquanto atividade esportiva, por volta de 1850, sob o comando do sueco Major *Killander*, líder escoteiro. A base dessa gênese foi o desdobramento da distância da Maratona, prova do atletismo, em três outras provas com a associação de leitura de carta e da percepção da Orientação. Essa atividade “nasce” como treinamento militar direcionado para guerra, entretanto, com o seu fortalecimento, transformava-se em meio de diversão das tropas militares, estendendo-se pela Europa (Melo Filho, 2018).

No Brasil, a Corrida de Orientação foi inserida como atividade militar na década de 1970, quando as Forças Armadas Brasileiras identificaram o potencial dessa modalidade esportiva para o treinamento militar. Em 1974, a Corrida de Orientação foi incluída como componente curricular obrigatório na Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx. Já em

1979, as atividades de Corrida de Orientação foram implantadas no currículo da Academia Militar das Agulhas Negras-AMAN (Melo Filho, 2018, p. 1).

Ainda na década de 1970, foi elaborado o “Manual de Orientação”, a primeira publicação sobre a modalidade esportiva feita no Brasil e com atualização anual. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, o Brasil sediou vários campeonatos nacionais e internacionais relacionados a essa modalidade esportiva. Assim, constata-se que, nos diferentes recortes espaciais (mundo e país), a Corrida de Orientação segue uma trajetória similar, ou seja, ela “sai” dos quartéis e “adentra” nas universidades, escolas e clubes (Mello; Mello; Rodrigues, 2010).

Nesses “novos” espaços, a Corrida de Orientação é compreendida como uma modalidade esportiva inspirada nas provas do atletismo, “que consiste em trilhar um terreno desconhecido com o auxílio de um mapa preparado para esta finalidade e uma bússola” (Pasini; Dantas, 2003 *apud* Carmona *et al.*, 2013, p. 22). No âmbito da Geografia, a sua tematização possibilita a constituição de conhecimentos sobre uso de equipamento de bússola e de aparelho de Sistema de Posicionamento Global (GPS), bem como de temas ligados à abordagem física (topografia, formações florestais, relevo, sistema fluvial e solo) e à abordagem social (população, dinâmica econômica, vias de acesso).

A importância da Corrida de Orientação para a compreensão dos conteúdos geográficos não se limita aos conhecimentos do quadro ecológico-paisagístico, tampouco às formas de ocupação do território, mas avança em direção aos conhecimentos cartográficos, uma vez que um mapa não é apenas uma obra de arte; é um instrumento de descoberta e de comunicação a serviço de um saber ou de uma ação (July, 2013).

A imagem de satélite, o cartograma e o mapa são tipos de documentos cartográficos que se configuram como a matéria-prima da Corrida de Orientação, tornando necessário, então, um investimento na formação dos participantes no tocante a uma alfabetização cartográfica. Deste modo, trabalha-se conteúdos relativos à coordenada espacial (geográfica e plana); aos pontos cardeais, colaterais e subcolaterais; às diferenças entre carta, mapa, planta e cartograma; aos principais tipos de projeções cartográficas; ao uso do ponto, da linha, do polígono e sua aplicação na cartografia; à elaboração de legenda e ao uso do pictograma na representação do espaço, entre outros.

Além dos autores já referenciados, outros estudiosos contribuíram com a fundamentação teórica das unidades didáticas da Educação Física e da Geografia sobre o

Atletismo e a Cartografia, como Martinelly (1991), Rios (1997), Fazenda (1998), Almeida (2007) e Matthiesen (2007). Ademais, recorreremos à imagem de satélite referente à localização do IFBA campus Eunápolis, obtida via *software Google Earth*, equipamento de bússola e aplicativo *Quick Responde - QR Code*.

3 ELEMENTOS PRECURSORES DA EXPERIÊNCIA COM A CORRIDA DE ORIENTAÇÃO

Neste tópico descrevemos alguns elementos constituintes da experiência que culminou com a realização da Corrida de Orientação com as turmas de 1º ano no Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. A organização do trabalho pedagógico ocorreu de forma coletiva desde a gênese da proposta para a identificação dos aspectos comuns entre os conteúdos de ambos os componentes curriculares. A opção por realizar a Corrida de Orientação com estudantes do 1º ano teve relação direta com a matriz curricular do curso, uma vez que os conteúdos de Atletismo e Cartografia estão alocados na fase inicial do currículo acadêmico da formação discente.

Diante da ausência desse conteúdo específico na ementa da Educação Física do IFBA campus Eunápolis, trabalhamos com esse assunto posteriormente ao atletismo. Para tanto, adotamos uma tipologia apresentada por González e Bracht (2012, p. 24), que caracteriza os esportes de marca como aqueles que “são baseados na comparação dos registros dos índices em segundos, metros ou quilos. Exemplo: todas as provas de atletismo, como também patinação de velocidade”. Logo, por se tratar de um esporte também dessa natureza, promovemos a experimentação da Corrida de Orientação por esse viés. Sacristán (1998, p. 279) destaca algumas das utilidades fundamentais dos planos para os docentes e defende que as atividades dessa natureza são:

Esquemas flexíveis para atuar na prática, [e] proporcionam segurança ao professor/a; [que] assim, abordará com mais confiança os aspectos imediatos e imprevisíveis que lhe são apresentados na ação. O plano prévio é o que permite, paradoxalmente, um marco para improvisação e criatividade do docente.

Cada turma continha aproximadamente 40 estudantes, que se organizaram em subgrupos, composto por seis e uma menor parte com sete integrantes. No que refere-se à organização da corrida, solicitamos que: (a) todos os percursos tivessem como ponto de

partida a portaria da instituição; (b) apenas as coordenadas espaciais do primeiro ponto de controle fossem descritas no cartograma, enquanto as demais coordenadas seriam lidas no *QR Code*; e (c) como, no dia da vivência da corrida de orientação, cada grupo receberia um cartograma, com o percurso marcado e um cartão de controle, ele deveria ser preenchido com as coordenadas encontradas nos *QR Codes* distribuídos ao longo do espaço escolar.

Ao apresentarmos a proposta de ensino para as/os estudantes, elas/es relataram o desconhecimento da prática da Corrida de Orientação até então. Contudo, a falta de informações sobre a modalidade esportiva não causou resistência, ao passo que as turmas se mostraram dispostas e interessadas a compreendê-lo desde a primeira conversa sobre essa intervenção. Vale dizer que, essa disponibilidade impactou positivamente na organização didática, de modo que também contribuiu com a ampliação da leitura de mundo das/os envolvidas/os (professor/a e estudantes).

Notamos que, ao mencionarmos a utilização dos recursos tecnológicos despertamos a atenção imediata nas/os estudantes. Afinal, desde a década de 1990, Kenski (1998, p. 59) alertou que “a partir da banalização das tecnologias eletrônicas de comunicação e de informação, a sociedade atual adquiriu novas maneiras de viver, de trabalhar, de se organizar, de representar a realidade e de fazer educação”.

Do ponto de vista didático, a atividade foi subdividida em três etapas: (i) momento expositivo e dialogado sobre a história da Corrida de Orientação, sobre os recursos relacionados com a modalidade e sobre conhecimentos cartográficos; (ii) seleção dos pontos de controle e elaboração do percurso em equipes; e (iii) experimentações dos percursos elaborados pelas/os discentes organizados em subgrupos. No tópico a seguir encontram-se os resultados e a discussão da experiência realizada.

4 UM PERCURSO INTERDISCIPLINAR: RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, planejamos seis aulas de Educação Física para esta atividade. Dessas, duas foram destinadas para a contextualização histórica da Corrida de Orientação e para a indicação dos recursos utilizados nas provas oficiais. Nesse momento inicial, foi esclarecido que não faríamos a Corrida de Orientação no formato tradicional, conforme ocorre no meio militar, mas que, em função do currículo acadêmico e das atualizações tecnológicas, seriam feitas adaptações na atividade, dentre as quais, o uso da tecnologia *Quick Responde - QR*

Code; o uso de aparelho e/ou aplicativo de GPS; e a circunscrição da referida atividade à área do IFBA-*campus* Eunápolis. A possibilidade de trabalhar em equipe e de associar a atividade à leitura e à interpretação do cartograma despertou o interesse das/os estudantes, inclusive daquelas/es que se mostravam desestimuladas/os pelas vivências nas corridas de velocidade, contempladas nas aulas iniciais da unidade didática.

Essa discussão ocorreu no formato de “roda de conversa” no jardim da escola. Nesse momento, trabalhamos os seguintes aspectos: semelhanças e diferenças entre as provas de Corrida do Atletismo e as da Corrida de Orientação e a história dessa última, enfatizando sua relação com o corpo, o tempo, o meio ambiente e com a evolução tecnológica. Também destacamos os seus benefícios sob a perspectiva das/os suas/seus praticantes, além dos elementos presentes nas situações de provas oficiais (prisma, picotador, o cartão de controle, o chip, entre outros).

No trato didático e pedagógico do esporte, buscamos ofertar uma compreensão dessa manifestação enquanto fenômeno sociocultural e histórico. Essa abordagem promove, portanto, reflexões a respeito das diversas manifestações que “deram origem a muitas modalidades esportivas e continuam a influenciar estilos e formas de atuar no esporte de acordo com a característica cultural que o movimento humano assume em determinados contextos” (Kunz, 2014, p. 71).

Na segunda etapa, propomos duas aulas para a elaboração do percurso pelos alunos (figura 2), que foram organizados em subgrupos. E, por fim (terceira etapa), duas aulas foram destinadas à realização da atividade, a Corrida de Orientação.



Figura 2: Percurso elaborado pelos discentes com base em imagem do *Google Earth*.
Elaboração: Estudantes, 2018.

Quanto à Geografia, reservamos quatro aulas que foram ministradas pelo docente com a formação (Graduação, Especialização e Mestrado) nesta área do conhecimento. Nas duas primeiras aulas, trabalhamos a definição e a importância da cartografia e os pontos cardeais, colaterais e subcolaterais. Nas duas aulas seguintes, focamos nas noções de coordenadas espaciais (geográfica e planas) e projeções cartográficas. Ainda nesse momento, os estudantes tiveram acesso ao *software Google Earth*, por meio do qual selecionaram a imagem de satélite referente à área onde seria feita a atividade para definir os pontos de controle e o percurso a ser realizado durante a experimentação da Corrida de Orientação. Nessa fase, as/os estudantes se familiarizaram com o *software* que permite a criação da *QR Code* (figura 3), ferramenta tecnológica necessária para a descrição dos pontos cardeais e das coordenadas espaciais de cada ponto que formava o roteiro da Corrida de Orientação.



Figura 3: Distribuição dos QR codes com localização espacial na área da escola.
Foto: Aline Britto Rodrigues, 2018.

As/os alunas/os ficaram, então, responsáveis pela confecção dos cartões de controle, contendo a identidade do grupo, e dos QR Codes, contendo as coordenadas espaciais do ponto de controle do percurso e a identidade do grupo. Além disso, elas/es elaboraram um cartograma (mapa base da atividade) que expressou o roteiro de pontos espaciais a ser usado na Corrida de Orientação, conforme a figura 4.



Figura 4: Cartão de controle e cartograma com os pontos do percurso da atividade.
Foto: Aline Britto Rodrigues, 2018.

Por essa razão, na segunda etapa da atividade, os grupos circularam pelos espaços da instituição, a fim de eleger os pontos de controle que formariam o percurso da sua equipe. Ao final da aula, nos reunimos para uma conversa sobre esse processo de elaboração da escolha

dos pontos, sem, contudo, haver o compartilhamento do trajeto propriamente dito entre eles. Essa dinâmica ocorreu sem nenhuma intercorrência.

Na etapa de elaboração do cartograma (mapa base da atividade), estabelecemos que o documento deveria conter os pontos do percurso (roteiro) da atividade. Na mesma ocasião, acordamos sobre o número de pontos de controle a serem distribuídos no cartograma. Definimos que o ponto de partida para dar-se início à atividade seria a portaria da instituição e, a partir desta, quatro pontos irão compor o percurso (roteiro) da atividade.

A terceira e última etapa correspondeu à experimentação da experimentação da Corrida de Orientação. Conforme o combinado, nos encontramos na portaria da escola. Ao receber o cartograma, a equipe foi acompanhada por pelo menos um dos componentes do grupo responsável pela criação do percurso, que recebia a função de cronometrar o tempo e colaborar nas eventuais dificuldades, referentes à interpretação do mapa e/ou à localização do *QR code*, bem como no seu escaneamento.

Durante o desenvolvimento da atividade, percebemos que duas aulas de cinquenta (50) minutos não seriam suficientes para que todos os grupos participassem de ao menos um percurso que não houvesse algum tipo de erro no processo de elaboração. Dentre as razões que justificam essa inconsistência, citamos: a) alguns grupos não espalharam os *QR codes* previamente; b) havia *QR codes* cujas informações estavam em desacordo com as instruções fornecidas por nós, professores, ou seja, não indicavam o sentido do *QR code* seguinte, de modo a referenciar os pontos cardeais seguintes, ou utilizavam “pistas aleatórias”; e c) alguns grupos não sinalizaram pontos de controle com precisão no cartograma, o que também dificultou a concretização dos percursos.

Houve situações em que os estudantes localizaram individualmente os *QR Codes*, apesar de ter sido previamente acordado que o percurso da Corrida de Orientação deveria ser realizado no coletivo. Optamos, então, por disponibilizar aos estudantes mais duas aulas, com o intuito de ajudar os participantes a sanarem as dúvidas, e, caso fosse necessário, reorganizar o percurso, bem como vivenciar novos caminhos. Esse desdobramento atendeu às nossas expectativas, pois percebemos um aprofundamento na aprendizagem dos conteúdos trabalhados e um amadurecimento dos grupos, o que repercutiu positiva e diretamente no envolvimento com a atividade (figura 5).



Figura 5: Interação entre os estudantes durante a realização da atividade.

Foto: Aline Britto Rodrigues, 2018.

Na aula que sucedeu a vivência, propusemos uma avaliação também no formato de roda de conversa, com a intenção de coletarmos as impressões dos estudantes e, com isso, vislumbrarmos outras abordagens para a Corrida de Orientação, enquanto proposta de ensino interdisciplinar. De acordo com os relatos dos grupos, alguns alunos se concentraram demais na conclusão do percurso da atividade e, por conta disso, não dedicaram um tempo para uma leitura cuidadosa do cartograma. Além disso, os grupos passaram a estabelecer uma relação de competição.

Durante o diálogo, um aluno reforçou essa relação de competição, considerando-a como salutar, já que ela contribuiu para que o seu grupo criasse uma tática para concluir o percurso em um tempo menor. Logo em seguida, descreveu a estratégia adotada por eles, que se relacionava com as funções assumidas por cada componente durante a vivência: um colega era responsável pela leitura do mapa, outro por escanear o *QR Code*, os demais corriam na direção indicada por eles, e havia ainda o responsável por escrever no cartão de controle (figura 6). Vale destacar que o cronômetro só era pausado quando todos os integrantes chegavam à portaria da escola (mesmo local de largada).

Nome da equipe		TEMPO DA CORRIDA	SAÍDA	CHEGADA
		10:09, 23	Pedras	Matipa
QR CODE 325 C	A partir deste ponto desloque-se 40 pontos para o Norte...			
QR CODE 40 I	A partir deste ponto desloque-se 40 pontos para o Norte, logo após 100 0.			
QR CODE 20 E	A partir deste ponto desloque-se 20 pontos para o Leste para o ponto, até ao ponto seguinte...			
QR CODE 13	Para este ponto concluímos o trajeto de 130 metros. Os pontos que vocês também ganharam é o percurso.			
CORRIDA DA EQUIPE GOLD		DATA: / /		

Figura 6 – Cartão de controle preenchido pelos alunos com os pontos cardeais.

Foto: Aline Britto Rodrigues, 2018.

Apesar de os grupos terem rivalidade entre si, as/os estudantes, de maneira particular, destacaram a união entre os componentes de cada grupo. Dentre os pontos positivos desta atividade, eles citaram a interdisciplinaridade entre os conteúdos de Geografia e Educação Física, evidenciada na Corrida de Orientação. Segundo os relatos, até então, essa união era impensável. Por fim, sugeriram a adesão, na Corrida de Orientação, de outros componentes curriculares, especialmente Língua Portuguesa, Matemática e Informática.

Ressaltamos que alguns trabalhos saíram primorosos, ou seja, os cartogramas (mapa base da atividade) tinham as informações necessárias para o cumprimento do roteiro (saída e chegada). Durante a preparação do roteiro a ser percorrido, houve o uso de bússola (equipamento e aplicativo) para estabelecer a orientação dos pontos cardeais (Norte-Sul; Leste-Oeste) e o uso de *GPS* (aplicativo) para a identificação das coordenadas geográficas, que foram transferidas para o *QR Code*, posteriormente distribuído pela área (local de realização da atividade). Assim, os cartogramas atenderam aos requisitos combinados e contribuíram, assim, para que os estudantes de outras equipes cumprissem o percurso da atividade de maneira eficiente, devido à leitura e interpretação dos cartogramas e dos comandos de localização.

Do ponto de vista geográfico, especialmente, destacamos que a atividade potencializou nos estudantes um maior domínio de orientação espacial e das técnicas de leitura e interpretação de mapa, imagem de satélite e cartograma. Já sob as lentes da Educação Física, observamos uma ampliação na leitura de mundo, tendo em vista a compreensão de

alguns aspectos do Atletismo e da Corrida de orientação, além da própria experimentação dessas modalidades.

5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento de atividades interdisciplinares no contexto da Educação Básica exige, a priori, disponibilidade para o trabalho coletivo por parte das/os docentes. O compartilhamento de ideias, normalmente, resulta em reorganização do trabalho pedagógico das disciplinas envolvidas, neste caso, a Geografia e a Educação Física. A tematização da Corrida de Orientação nas turmas de 1º ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio demandou, portanto, uma flexibilização cuidadosa no planejamento das unidades didáticas que contemplam a Cartografia e o Atletismo, respectivamente.

Além da reformulação nas unidades didáticas, a própria dinâmica da modalidade esportiva elegida também foi adaptada a fim de que ela fosse realizada na instituição em que lecionamos, a exemplo da utilização de equipamento e ou aplicativo de *GPS*; e dos *QR Codes* nos pontos de controle. O desconhecimento sobre a Corrida de Orientação por parte dos discentes não inviabilizou a sua prática, tampouco fomos afrontados por elas/es, que protagonizaram o processo. Por outro lado, nem todas as instruções propostas pelos professores foram abarcadas pelos grupos envolvidos, o que estendeu o número de aulas de seis para oito (Educação Física).

Essa extensão possibilitou um aprofundamento dos conhecimentos e estreitou ainda mais os laços entre os sujeitos envolvidos. Do ponto de vista da Geografia, observamos que esta atividade potencializou o domínio dos conteúdos e das técnicas ligadas à orientação espacial e à Cartografia por parte dos estudantes. Na Educação Física, ampliamos as experimentações e os conhecimentos sobre os esportes de marca e buscamos adotar atitudes de respeito mútuo.

De modo geral, avaliamos essa experiência de forma positiva, tendo em vista que o seu formato colaborativo reforçou a importância de propostas interdisciplinares no âmbito da Educação Básica, além de causar surpresa nas/os estudantes, especialmente pelo fato de conectarmos a Educação Física com a Geografia. A opção de relacionar ambas endossou o interesse dos estudantes desde a apresentação inicial da proposta, com exceção de alguns que se sentiram intimidados.

Diante do exposto, vislumbramos propostas futuras com a tematização da Corrida de Orientação nas turmas dos anos seguintes. Na ocasião da experiência aqui descrita passamos a almejar a adesão de colegas que lecionam outros componentes curriculares, inclusive da área técnica, como sugestão das/os próprias/os estudantes (algo que se concretizou no ano seguinte). Chamamos a atenção também para a importância da publicação das experiências com a Corrida de Orientação nas escolas. Não pretendemos, contudo, propor um modelo engessado a ser reproduzido, compartilhamos apenas uma possibilidade que foi planejada a partir do diálogo com outros estudos e da leitura da nossa realidade de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosangela Doin de (Org.). **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer n.º 11**, de 09 de maio de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília: CNE, 2012.
- CARMONA, Eduardo Klein; BEGOSSI, Tuany Defaveri; SOARES, Suelen Silva; MAZO, Janice Zarpellon. O esporte de orientação: possibilidades e perspectivas. **Educação Física em Revista – EFR**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 19-27, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/4366>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. 13 ed. Campinas: Papirus, 1998, p. 11-20.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: Didática e Prática de Ensino**. Texto complementar ao apresentado no ENDIPE - 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/22623/16405>. Acesso em: 04 dez. 2023.
- MELO FILHO, Elias do Nascimento. A corrida de orientação como atividade pedagógica com uso de QR CODE: experiências com estudantes de pedagogia e outros cursos de licenciatura. In: **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias: Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância**. Educação e Tecnologias inovação em cenários em transição, 2018.
- GONZÁLEZ, Fernando J.; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2012.

HAAS, Célia Maria. **A Interdisciplinaridade em Ivani Fazenda**: construção de uma atitude pedagógica. International Studies on Law and Education. EMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto. 8 mai-ago, 2011.

JULY, Fernand. **A Cartografia**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

KENSKI, Vani. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8 ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2011.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Ensino médio e técnico com currículos integrados: proposta de ação didática para uma relação não fantasiosa. *In*: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 80-95.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Atletismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

MELLO, Nádia Cristina da Silva; MELLO, Luiz Antônio Castro de; RODRIGUES, Emanuel Teodoro. Desporto orientação como prática educativa. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 87-100, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/download/20696/11010/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e Interdisciplinaridade. *In*: **A pesquisa em Educação e as transformações do conhecimento**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1997, p. 121-136.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Plano do Currículo, plano do ensino: o papel dos professores/as. *In*: SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. (Org.). **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 197-. 231.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

CRENCIAIS DOS AUTORES**1 Aline Britto Rodrigues**

Instituição/Afiliação: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) - *campus* Eunápolis.

E-mail: alinebrittorodrigues@yahoo.com.br

2 Edcassio Nivaldo Avelino

Instituição/Afiliação: Colégio Militar de Salvador; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) - *campus* Euclides da Cunha.

E-mail: edcassio.avelino@ifba.edu.br

Submetido em: 13/07/2020

Publicado em: 31/12/2023